



A luta por uma outra comunicação na internet: limites e rupturas¹

Danielle E. F. MACIEL²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O uso da Internet e a difusão das tecnologias de informação e comunicação, bem como sua crescente disseminação por parte considerável da sociedade, têm crescido significativamente, a ponto de a própria mídia ser considerada, em muitos casos, o centro de organização da sociabilidade contemporânea. Alguns projetos de comunicação na internet utilizam-se desses aparatos como instrumentos de comunicação e de organização de movimentos sociais populares e de grupos e indivíduos à margem da ordem social dominante. Porém, ao mesmo tempo em que possibilitam a comunicação, de forma horizontal, podem contribuir sistematicamente para uma nova etapa de acumulação do capital, já que o terreno onde constroem seus alicerces é uma arena ainda em disputa entre a lógica empresarial e os ideais horizontais e coletivistas que esses projetos almejam.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; capitalismo, luta antissistêmica; controle.

O impulso que as novas tecnologias de informação e comunicação conferiram à atual dinâmica de acumulação capitalista recoloca questões candentes para aqueles que ainda se posicionam na contramão desse sistema. As possibilidades técnicas e sociais que a Rede forneceu encontram-se em larga disputa entre a lógica empresarial e a luta, não só por uma outra comunicação, como também pela derrubada do modo de produção capitalista. Iniciativas de comunicação nesse meio proliferam, porém as disputas e contradições que este novo campo coloca não ameaçam cessar tão brevemente. Nesse sentido, é nosso propósito analisar as possibilidades sociais de comunicação na internet que intentam se opor às relações capitalistas de produção e transcender os limites e desafios que encerram essa prática.

¹ Trabalho apresentado no DT 8– Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA-USP), email: danielle.maciел@usp.br.



A discussão que iremos proceder visa realizar uma abordagem, na medida do possível, abrangente e dialética, que não separa o projeto do sistema em que está inserido. Sim, isso quer dizer que o debate a que se propõe refere-se àquilo que já fora identificado como a relação entre cultura (ou arte) e sociedade; cultura e política; tendência e qualidade ou forma e conteúdo, discutida já tantas vezes.

Assim sendo, o esforço pretendido se caracteriza por duas operações específicas: a) utilizar a fundamentação teórica, sobretudo marxista, que se propôs a pensar as relações entre cultura e sociedade aplicando-a ao estudo da comunicação; b) e reatar a separação entre o campo de estudo da cultura e da comunicação, há tempos cindindo, a fim de desenvolver uma reflexão mais aprofundada sobre o papel que ocupam no capitalismo contemporâneo.

É escusado dizer que teorias sobre as novidades e possibilidades advindas das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente da internet, são incessantes. É-nos possível traçar um quadro daquelas que, ao partirem das promessas do mundo virtual, do surgimento do ciberespaço, das novas formas de relacionamento em rede, etc., chegam ao ponto de afirmar que haveria uma subversão da relação entre as esferas da vida social, ou seja, que não seria mais a economia a determinar a cultura, mas sim a cultura (e a comunicação) a determinar a economia³. Obviamente que não é nosso intuito esgotá-las nesse breve delineamento, tampouco nos é possível dispensar a elas a devida atenção no espaço restrito de um artigo. Também não podemos nos esquecer certamente das teorias que, decorrentes das já acima citadas, conferem uma centralidade à comunicação, reivindicando-a como ciência dotada de objeto próprio e geralmente focada nos estudos dos meios de comunicação. Superestimando a importância do "significante em detrimento do significado"⁴ ou mesmo a morte do referente (para entrar no campo da linguística), é aqui que as ideias de simulacro

³ Com efeito, é possível destacar os estudos de Ladislav Dowbor (2001) sobre a *Economia da Comunicação*, no qual as Tecnologias de Comunicação e Informação aparecem como mediadoras de uma transformação ocorrida em praticamente todas as áreas da vida. É nesse sentido que o autor afirma que o elemento cultural tornou-se determinante do econômico. Assim, quem controlaria as representações simbólicas da riqueza é que passaria a manejar o sistema, e não quem a produziu. De acordo com o autor: "A comunicação é fator determinante da transformação cultural em curso, e se tornou o eixo central das transformações estruturais, tanto na economia como na política".

⁴ Na esteira das ideias de *Simulacro*, apontadas por J. Baudrillard, Eugenio Bucci teoriza sobre a *fabricação de valor no imaginário*, através de seu conceito de *valor de gozo*. De acordo com ele, o *valor de gozo* se soma ao valor de uso e determina o valor de troca das mercadorias. Buscando explicar sua origem na alienação do trabalho e remetendo essa "simbologia" para o campo da linguagem e ainda da psicanálise, o autor autonomiza, assim, a fabricação do imaginário existente hoje. Neste caso, é a própria fabricação do imaginário que passa a circunscrever e determinar as relações econômicas. Teorias como a de Bucci, ao destacarem a autonomização da aparência e a erotização do produto realizada pela propaganda, permanecem numa esfera subjetiva, onde, no limite, não existe o valor de uso, os indivíduos enquanto consumidores procuram nas mercadorias apenas sua identificação que fora cindida no processo de alienação do trabalho.



proliferam. No limite, as teorias "midiocentristas" da comunicação acabam declarando sua própria inexistência.

Todavia, é importante resgatar algumas considerações de Marx, em *O Capital*, onde, talvez, já nos deixasse claro o lugar estrutural que a cultura, entendida no seu sentido mais amplo, ocuparia na própria produção da vida.

Ao lado de pedra, madeira, osso e conchas trabalhados, o animal domesticado e, portanto, já modificado por trabalho, desempenha no início da história humana o papel principal como meio de trabalho. O uso e a criação de meios de trabalho, embora existam em germe em certas espécies de animal, caracterizam o processo de trabalho especificamente humano e Franklin define, por isso, o homem como a *toolmaking animal*, um animal que faz ferramentas. A mesma importância que a estrutura de ossos fósseis tem para o conhecimento da organização de espécies de animais desaparecidas, os restos dos meios de trabalho têm para a apreciação de formações sócio-econômicas desaparecidas. Não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz, é o que distingue as épocas econômicas. Os meios de trabalho não só são medidores do grau de desenvolvimento da força de trabalho humana, mas também indicadores das condições sociais nas quais se trabalha. Entre os meios de trabalho mesmos, os meios mecânicos de trabalho, cujo conjunto pode-se chamar de sistema ósseo e muscular da produção, oferecem marcas características muito mais decisivas de uma época social de produção do que aqueles meios de trabalho que apenas servem de recipientes do objeto de trabalho e cujo conjunto pode-se designar, generalizando, de sistema vascular da produção, como, por exemplo, tubos, barris, cestas, cântaros etc. Eles só começam a desempenhar papel significativo na fabricação química. Além das coisas que mediam a atuação do trabalho sobre seu objeto e, por isso, servem de um modo ou de outro, de condutor da atividade, o processo de trabalho conta, em sentido lato, entre seus meios com todas as condições objetivas que são exigidas para que o processo se realize. Estas não entram diretamente nele, mas sem elas ele não pode decorrer ao todo ou só deficientemente. (MARX, 1985, p. 150-151)

Se entendermos cultura em seu sentido mais original, recuperando aquele significado que se remetia ainda a ação, processo ou efeito de cultivar a terra, ou seja, a criação ou desenvolvimento com cuidados ou técnicas especiais, podemos entender que a cultura está na própria produção da vida⁵. Nessa passagem de Marx, ainda vale a pena destacar que o que o clássico aponta como distinção das épocas econômicas é o processo e os meios de produção. É nesse sentido que iremos pensar a internet, ou seja, um meio de produção/comunicação gestada dentro de um sistema, cuja marca de seu processo de produção é capitalista.

Voltando ao quadro das diversas teorias que refletem sobre esse novo momento dos avanços tecnológicos, principalmente os de informação e comunicação, podemos afirmar que os impactos dessas inovações nas formas de comunicação reverberaram até

⁵ Não conceber a cultura como atividade material relaciona-se, na raiz, com uma concepção que, conforme aponta Raymond Williams (s/d), opera uma separação entre "língua" e "realidade", o que correspondia a divisões reais e práticas entre atividade "mental" e "física".



mesmo naquele campo de estudo que não confere a mesma centralidade à comunicação, mas a concebe como mediação necessária às relações humanas. Nesse âmbito, as possibilidades sociais de apropriação de todo esse novo aparato pode contribuir tanto para a ressignificação de identidades fragmentadas no mundo contemporâneo como para um momento particular de democratização da comunicação ou de seus meios⁶. O certo é que essas análises, muitas vezes, incorrem no risco de não politizarem, de fato, toda a técnica e tecnologia em questão.

Por isso, precisamos deixar claro que, além de entendermos a comunicação como mediação necessária para o conjunto das relações sociais, a especificidade de ela ocorrer via internet ou por qualquer que seja o meio ou a última tecnologia de ponta recém utilizada, compreendemos que não são esses aparatos os responsáveis por definirem os aspectos fundamentais de uma forma social, ao contrário, pelo nosso entendimento, seriam eles apenas a cristalização das novas modalidades da acumulação capitalista.

Por isso, não nos bastaria empreender uma análise sobre o conteúdo revolucionário de alguns projetos de comunicação na internet. Ao contrário, seria necessário analisar como um projeto de comunicação se comporta internamente ao seu próprio processo de produção. Que posição ocupa no interior dessa relação? Apenas se coloca ao lado dos trabalhadores ou modifica o aparelho produtivo em favor de uma outra sociedade? Ou seja, não basta apoiar a luta de classes fornecendo um aparelho de comunicação para essa finalidade, é preciso saber se, concretamente, tende à construção conjunta de uma outra sociedade baseada em relações sociais novas.

As considerações de Walter Benjamin (1994, p. 122) em seu texto de 1934, *O autor como produtor*, podem ser essenciais para essa análise:

Sabemos que as relações sociais são condicionadas pelas relações de produção. Quando a crítica materialista abordava uma obra, costumava perguntar como ela se vinculava às relações sociais de produção da época. É uma pergunta importante. Mas é também uma pergunta difícil. Sua resposta não é sempre inequívoca. Gostaria, por isso, de propor uma pergunta mais imediata. Uma pergunta mais modesta, de vó mais curto, mas que em minha opinião oferece melhores perspectivas de ser respondida. Em vez de perguntar: como se vincula uma obra com as relações de produção da época? É compatível com elas, e portanto reacionária, ou visa sua transformação, e portanto é revolucionária? - em vez dessa pergunta, ou pelo menos antes dela,

⁶ Algumas teorias da ciberultura conferem à comunicação via internet um papel especial na transformação social, entendendo-a como um possível novo "espaço público", onde todos os atores políticos poderão expor seus argumentos e serem reciprocamente avaliados. Cf. LÉVY apud MORAES, 2003. Parece-nos ser desse tipo de concepção também que decorre o entendimento de que as chamadas "minorias" podem atuar de modo a transformarem sua atuação no mundo contemporâneo, dissipando seus valores e lutando por uma democracia que leve em conta suas diferenças. Cf. PAIVA; BARBALHO (orgs.), 2005.



gostaria de sugerir-vos outra. Antes, pois, de perguntar como uma obra literária se situa no tocante às relações de produção da época, gostaria de perguntar como ela se situa *dentro* dessas relações? Essa pergunta visa imediatamente a função exercida pela obra no interior das relações literárias de produção de uma época. Em outras palavras, ela visa de modo imediato a técnica literária das obras.

Ainda nesse mesmo sentido, é interessante considerar as observações de um outro autor, também fundamentais para nossos propósitos. Raymond Williams, considerado um dos principais autores responsáveis pela formação do que ficou conhecido como *Cultural Studies*⁷, apontava o que seria o problema teórico fundamental dessa disciplina:

E esse problema, para usar os termos contemporâneos em vez dos termos mais informais com que ele foi originalmente definido, é que não se pode entender um projeto artístico ou intelectual sem entender também a sua formação. O diferencial dos estudos de cultura é precisamente que tratam de *ambos*, em vez de se especializar em um ou outro. Os estudos de cultura não lidam com uma formação da qual determinado projeto é um exemplo ilustrativo, nem com um projeto que poderia ser relacionado a uma formação entendida como seu contexto ou pano de fundo. O projeto e a formação nesse sentido são maneiras diferentes de materialização - maneiras diferentes, então de descrição - do que é de fato uma disposição comum de energia e de direção. Esta foi, penso, a invenção teórica crucial: a recusa em dar prioridade ou para o projeto ou para a formação, ou, usando termos mais antigos, a arte ou a sociedade. (WILLIAMS apud CEVASCO, 2003, p. 63-64)

A professora Maria Elisa Cevasco (2003, p. 64), uma estudiosa dos estudos culturais e de Williams, destaca em seu livro *Dez lições sobre estudos culturais*, que as tentativas de se estabelecer uma relação entre arte e sociedade, obviamente, não são uma novidade. Como podemos indicar, o próprio Benjamin já havia se debruçado sobre a questão, na tentativa de lhe conferir um tratamento dialético para tanto. De todo modo, Cevasco afirma que a posição teórica da disciplina se distinguiria por pensar as características de arte e sociedade em conjunto, apontando que os projetos artísticos e intelectuais são constituídos pelos próprios processos sociais, mas também constituem esses processos na medida em que lhes dão forma. Por isso, devem ser estudados sempre como formas sociais, uma vez que se transformam em decorrência das modificações sociais.

⁷ Importante frisar que a narrativa de origem de um campo de estudos é sempre polêmica. Estamos nos baseando, porém, nas considerações de Stuart Hall (1932-) - diretor (1968-1980) do Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham, o primeiro programa de pós-graduação em estudos culturais - para quem as origens estão nas publicações de três livros dos autores referidos: *The making of the English Working Class* (1963), de E. P. Thompson; e *Culture and Society, 1780-1950* (1958), de Raymond Williams; e *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart. Para Hall, essas obras ao ressaltarem as questões da cultura, da consciência e da experiência, e ao enfatizarem a ação de grupos e classes na mudança social, configuraram uma quebra com a tradição dos modos de estudar os fenômenos sociais. (HALL, 1996 apud CEVASCO, 2003, p. 60)



Como é sabido, Bertold Brecht, entusiasmado com os potenciais revolucionários das inovações de seu tempo, empreendeu reflexões ainda atuais sobre o rádio. De acordo com Frederico (2007), o rádio foi utilizado de forma pioneira pelos irlandeses, em 1916, durante uma revolta pela independência, para transmitirem mensagens. Substituto do telégrafo, o rádio era conhecido como "sem-fio". Mashall McLuhan fez o seguinte comentário sobre o episódio:

Até então, o sem-fio fora utilizado pelos barcos como "telégrafo" mar-terra. Os rebeldes irlandeses utilizaram o sem-fio de um barco, não para uma mensagem em código, mas para uma emissão radiofônica, na esperança de que algum barco captasse e retransmitisse a sua estória à imprensa americana. E foi o que se deu. A radiofonia já existia há vários anos, *sem que despertasse qualquer interesse comercial*. (MCLUHAN, 1979, p. 342 - grifo nosso apud FREDERICO, 2007)

A partir daí, é-nos possível traçar um paralelo com o trabalho colaborativo na internet e suas possibilidades de comunicação. Até o momento, ainda há espaços para apropriações opostas à lógica empresarial no espaço virtual, já que a rede ainda permite possibilidades interativas, aquelas que Brecht tanto almejava para o rádio, assim como, devido a sua universalidade, o funcionamento da rede foi pensado e estruturado para assegurar o acesso de qualquer pessoa a qualquer parte da mesma, além de permitir que todos possam subir conteúdos, formatos ou tecnologia imaterial para a rede.⁸

Dentro dessa perspectiva é que buscamos entender que mudanças a internet possibilitou na organização da sociedade e de que forma pode comportar projetos que contestem o sistema capitalista de modo geral.

O avanço das tecnologias de informação e comunicação (TIC) e o crescente uso da Internet por considerável parte da sociedade colocaram o debate sobre a democratização da comunicação de volta à ordem do dia. A apropriação desse aparato possibilitou que um número cada vez maior de pessoas se comunicasse universalmente, criando e compartilhando bens culturais e interagindo horizontalmente em espaços virtuais, de modo a ampliar o acesso à informação⁹.

⁸ De acordo com Berners-Lee chama atenção para outra característica importantíssima da rede que é a descentralização do projeto original da web. Segundo o criador da web, ninguém precisa obter aprovação de qualquer autoridade central para criar uma página ou um link. Porém, afirma que a web tem sofrido inúmeros ataques, principalmente no que diz respeito aos seus princípios de universalidade e descentralização, por isso, escreveu um artigo para a revista *Scientific American*, "*Long live the web: a call for continued open standards and neutrality*", em defesa dos padrões abertos e da neutralidade na rede. (SILVEIRA, da. S. A., dez - 2010)

⁹ Antes do mais, convém destacar que este processo não ocorre de maneira uniforme, visto que hoje os usuários da Internet no mundo representam uma pequena parte dos habitantes da Terra. Somente um universo de 19% dos habitantes correspondem a quase totalidade (91%) dos usuários da Internet. A maior parte dos internautas (61%) estão concentrados, sobretudo, na Europa e na América do Norte, a África responde por menos de 1%, e a América Latina, por 6%. Mais grave ainda é a procedência do conteúdo que corre o mundo. Hollywood, por exemplo, detém 85% do mercado cinematográfico global, e 77% das programações televisivas da América Latina provêm de



A crença nos potenciais destes novos aparatos suscita ideias e iniciativas que podem surgir tanto na esfera de Estados e governos, na forma de políticas públicas de inclusão, quanto na esfera da sociedade civil, encampadas por agentes que se apropriam dessas novas tecnologias e vislumbram formas mais democráticas de comunicação, ou mesmo questionando de maneira radical a ordem imposta.

Na esteira dessas concepções, muitos autores refletem sobre o que poderia se configurar como um possível processo democratizante a partir das novas tecnologias de comunicação, como por exemplo, James S. Fishkin (2002, p. 17):

As possibilidades democráticas podem ser influenciadas pelas novas tecnologias uma vez que estas têm a capacidade de mudar a maneira pela qual as pessoas, em grande número, interagem e se comunicam. Como resultado, criam novas possibilidades para a configuração institucional de potenciais reformas democráticas – em consideração aos possíveis mecanismos institucionais de consulta à opinião pública, sejam eles oficiais e não-oficiais

No entanto, um de nossos objetivos dentro dos limites desse artigo é chamar atenção para as contradições que a Rede encerra e, nesse sentido, lembremos mais uma vez a famosa passagem de Brecht (apud FREDERICO, 2007, s/p.) nas "Notas sobre Mahagonny", escritas em 1930:

[...] a engrenagem é determinada pela ordem social; então não se acolhe bem senão o que contribui para a manutenção da ordem social. Uma inovação que não ameace a função social da engrenagem [...] pode por ela ser apreendida. Mas as que tornam iminente a mudança dessa função e procuram dar à engrenagem uma posição diferente na sociedade [...] é renegada por ela. A sociedade absorve por meio da engrenagem apenas o que necessita para sua perpetuação.

Com efeito, essa é a importância de se analisar o processo de produção de projetos de comunicação na internet que almejam uma outra sociedade. É por isso que Benjamin, em seu texto já referido nesse artigo, reflete sobre o posicionamento do autor como produtor. Para ele, a posição dos intelectuais que se interessam pela socialização dos meios de produção não pode ser definida apenas em acordo com "suas opiniões, convicções e disposições" sobre o que deva ser o socialismo, ao contrário precisa ser definida pela posição que ocupam no processo produtivo, ou seja, não basta que o escritor seja apenas o fornecedor do aparelho de produção intelectual, é necessário que

conglomerados norte-americanos. Cf. MORAES, D.: 2003, p. 13-19. Além da grande exclusão digital, ainda é preciso levar em conta a concentração dos conglomerados midiáticos, no Brasil, por exemplo, o Sistema Central de Mídia é estruturado a partir das redes nacionais de televisão, mais precisamente, os que lideram as cinco maiores redes privadas (Globo, Band, SBT, Record e Rede TV!) controlam, direta e indiretamente, os principais veículos de comunicação no país. Cf. *Os donos da mídia*. Consultar em: <http://donosdamidia.com.br/redes>



seja "engenheiro", tendo como tarefa "a adaptação desse aparelho aos fins da revolução proletária". Benjamin (1994, p. 127-128) ainda cita o conceito de "refuncionalização" proposto por Brecht para caracterizar a transformação de formas e instrumentos de produção por uma inteligência progressista a serviço da luta de classes.

[...] abastecer um aparelho produtivo sem ao mesmo tempo modificá-lo, na medida do possível, seria um procedimento altamente questionável mesmo que os materiais fornecidos tivessem uma aparência revolucionária. Sabemos, e isso foi abundantemente demonstrável nos últimos dez anos na Alemanha, que o aparelho burguês de produção e publicação pode assimilar uma surpreendente quantidade de temas revolucionários, e até mesmo propagá-los, sem colocar seriamente em risco sua própria existência e a existência das classes que o controlam.

O que temos esboçado até agora, portanto, é que projetos de comunicação empreendidos na internet, na maioria das vezes por intelectuais (basta pensar no exemplo dos hackers que em seu início eram conhecidos como os "nerds"), que buscam formas mais livres ou democráticas de se comunicarem, mesmo expressando um conteúdo revolucionário, nem sempre podem contribuir com a conformação de uma outra sociedade, baseada em outras relações sociais que não as capitalistas de produção.

Tomar o estudo da mídia como objeto dotado de autonomia própria é negar a essência do capitalismo, assim como entender as novas tecnologias como algo que se desenvolve por si mesmo e determina o próprio desenvolvimento da vida social é ignorar que a técnica é apenas um momento das relações sociais.

Cabe então questionarmos: será que a produção cultural passou a determinar a dinâmica capitalista ou será que o capitalismo atingiu tal grau de açambarcamento da vida que assimilou, igualmente, os elementos intelectuais e as manifestações culturais da sociedade à sua lógica de reprodução material? Se considerarmos esta segunda hipótese, a produção cultural não pode, hoje, ser compreendida tão-somente como um ingrediente da superestrutura, nem a produção material limitar-se aos aspectos físico-palpáveis que Marx analisou no século XIX.

É nesse sentido que, quando analisamos teorias entusiasmadas com os novos potenciais das tecnologias de informação e comunicação e de todas as possibilidades sociais da internet, tencionamos sempre lembrar que a rede, ainda se configura como um campo em disputa entre a lógica capitalista e as possibilidades reais de democratização.

Se, por um lado, é verdade que as TIC reservam em gérmen o fortalecimento de tendências horizontais, coletivas e democráticas de relacionamento, por outro, é preciso ter em conta que elas podem reverter-se em irônicas formas de realização desta utopia,



através dos artifícios de assimilação e recuperação do capitalismo, favorecendo a renovação de um sistema social produtor de mercadorias.

Nesse sentido, convém referirmos também as teses que concebem a internet enquanto fenômeno resultante de uma série de processos econômicos, políticos e técnicos ocorridos no contexto de reestruturação do capitalismo, desde os anos 1970.

Cruz (2004), por exemplo, afirma que a constituição tecnológica da Rede só fora tornada possível no bojo da crise capitalista das três últimas décadas do século XX, um momento de transformação dos meios de produção e da reprodução capitalista.

Para Bolaño (2004), uma comparação entre a atual reestruturação produtiva e a primeira e a segunda revoluções industriais que marcaram, respectivamente, a instauração do modo de produção capitalista e a passagem, grosso modo, do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista, permite definir o processo atual como um momento fundamental de avanço da subsunção do trabalho intelectual ao capital, através da incorporação em larga escala das tecnologias da informação e da comunicação no processo produtivo e nas relações de distribuição e de consumo. Daí ele concluir que não são as TIC que haverão de garantir o dinamismo do novo modo de regulação. Seu papel na constituição do atual momento do capitalismo seria o de permitir a subsunção do trabalho intelectual e a intelectualização geral da produção e do consumo, sem o quê as próprias biotecnologias não poderiam ter se desenvolvido da forma e na extensão que as conhecemos hoje. A lógica da atual expansão das TIC, portanto, estariam sendo plenamente adequadas ao modelo excludente adotado pelo sistema a partir da crise do fordismo.¹⁰

Segundo Bernardo (2004), o desenvolvimento das novas tecnologias informacionais representaria a passagem de uma etapa de exploração capitalista baseada na componente muscular da força de trabalho – o taylorismo/fordismo - para a exploração da componente intelectual do trabalho. Esta transição teria ocorrido precisamente em decorrência de uma capacidade demonstrada pelos trabalhadores ao gerirem eles mesmos o processo de trabalho e as suas lutas no decorrer dos anos 1960 e 1970. Havendo esgotado um modelo de gestão capaz de extrair valor de tarefas braçais, repetitivas e desprovidas de sentido¹¹, os capitalistas teriam sido pressionados, pela força dos conflitos sociais, a inaugurar uma nova etapa de acumulação que pudesse se apoderar do conhecimento fornecido pelos próprios trabalhadores no decorrer do

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Cf. ANTUNES, 2000.



processo produtivo. O autor fundamenta-se na constatação de que o capitalismo assimila rapidamente as formas de contestação e aprende com os movimentos sociais que pretendem pô-lo em causa. Neste ciclo em particular, através da microeletrônica fora possível dispersar e reunir os trabalhadores num processo de trabalho integrado. A simples ligação dos computadores domésticos aos da empresa teria viabilizado que os empregados de escritórios prosseguissem sua atividade em casa. A necessidade capitalista de espalhar os trabalhadores, ao mesmo tempo em que se concentravam os resultados do trabalho, teria levado a informática as telecomunicações a evoluírem da maneira como as conhecemos hoje.

Bernardo alerta para o fato de todos os instrumentos microeletrônicos poderem, atualmente, pela primeira vez na história, conjugarem três funções especiais: produtivas, de entretenimento e de fiscalização. No que toca este terceiro ponto, a internet apareceria enquanto meio de controle e vigilância, que ocorreria, sobretudo, através dos correios eletrônicos e do armazenamento de informações em seus bancos de dados.

As considerações de Bernardo nos autoriza a sugerir que os capitalistas conseguiram ultrapassar bloqueios sociais e puderam iniciar um novo período de acumulação ampliada do capital e reforçar mecanismos velados de vigilância e controle. Sob esta perspectiva, a difusão das novas TIC tenderia a apontar muito mais para um novo tipo de totalitarismo democrático do que para o alargamento da democracia.

O panorama paradoxal em que a rede mundial de computadores se apresenta – sendo, ao mesmo tempo a base material de uma etapa avançada da acumulação do capital e instrumento utilizado como base organizativa oposta à ordem estabelecida - coloca em questão o alcance e os limites das experiências alternativas que intentam se constituir como formas de resistência. O fazer mídia alternativa parece se configurar, antes de tudo, como uma luta cotidiana que ocorre de maneira totalmente nova, tanto em seu âmbito de possibilidades de organização como no ambiente ainda em disputa em que é promovida.

O caso ainda em curso do site WikiLeaks parece corroborar esta tese, já que, enquanto uma luta pela democratização da informação e ação direta contra a ordem hegemônica, pôde dar aulas de jornalismo alternativo, assim como as perseguições ao site por parte das instituições internacionais demonstraram com todo vigor que contam com inúmeras formas de repressão e criminalização a esse tipo de iniciativa.

É a estes desafios lançados que devemos procurar traçar respostas



REFERÊNCIAS:

LÉVY, Pierre. "Pela ciberdemocracia". In: MORAES, Dênis (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 367-384.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo, Boitempo, 2000.



BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas I)

BERNARDO, João. **Democracia totalitária: teoria e prática da empresa soberana**, São Paulo, Editora Cortez, 2004.

BOLAÑO, C.; MATTOS, F. “Conhecimento e Informação na atual Reestruturação Produtiva: para uma crítica das teorias da Gestão do Conhecimento” *In: DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação* - v.5 n.3 jun/04. Disponível em: http://dgz.org.br/jun04/Art_03.htm

CEVASCO, M. E. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

FISHKIN, James S. Possibilidades democráticas virtuais: perspectivas da democracia via internet. In: EISENBERG, José e CEPIK, Marco (orgs.). **Internet e política: teoria e prática da democracia eletrônica**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2002, p. 17.

FREDERICO, C. Brecht e a teoria do rádio. In: **Revista Estudos Avançados**, vol.21, n°60, São Paulo: May/Aug- 2007

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Vol. I, São Paulo: Nova Cultural, 1985 (Os economistas), p. 150-151.

MORAES, Dênis. **A comunicação sob o domínio dos impérios multimídias**. In: Desafios da Comunicação. DOWBOR, Ladislau [et. al.]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.13-19.

PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**: Rio de Janeiro: Zahar Editores, s/d.